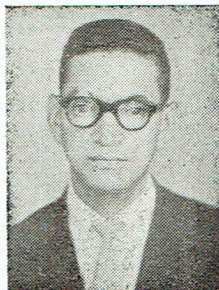

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO

Colégio Dom Bosco

Araxá - Minas

Coadjutor
José Anastácio dos Santos



* 15 / 4 / 1906

† 16 / 3 / 1965

Meus caros irmãos, mais uma vez, me é dada a dolorosa incumbência de fazer o necrológio de um dos nossos irmãos, que Deus levou para junto de nosso Pai Dom Bosco. Desta vez cabe-me falar de um destes que adornam nossas casas com sua simplicidade, mostrando-se um dos verdadeiros pobres de espírito, aos quais Nosso Senhor disse: Dêles é o Reino dos Céus.

Assim era o nosso José Anastácio.

Sua vocação despontou ainda quando menino, mas as dificuldades econômicas só muito mais tarde lhe proporcionaram o desejo de levá-la a cabo.

Nasceu êle na Vila de Pinheiros Altos, Município de Piranga (Minas), aos 15 de de abril 1906. Eram seus pais: Joaquim Domingos dos Santos e Maria Raimunda dos Santos, os quais possuíam uma fazendinha. O nosso José era o segundo filho dos oito irmãos. Seus pais eram tipicamente mineiros do interior, religiosos, honestos, trabalhadores, sem dolo. Palavra dada, palavra cumprida.

O José sempre teve desejos de ir para o seminário, mas as condições financeiras dos pais não o permitiam.

Fêz seus estudos primários em São Domingos de Mariana, hoje, Diogo de Vasconcelos, sob os cuidados maternos da heroína Da. Joaquina Alves. Diogo heroína, porque as professoras de arraias bem merecem êste qualificativo, sobretudo as daqueles tempos.

Crescendo, começou a trabalhar em casa, como tropeiro. Conseguindo fazer um pecúlio, comprou uns burros e já trabalhava por conta própria, fazendo carreto para Mariana e Ponte Nova. Com que bonomia êle lembrava seu lote de 12 burros arreados, sem lhes faltar nada graças aos seus suores, as viagens por estas estradas de montanhas tilintando as campainhas, polacas, cincerros... Os nomes: Moeda, Dourado, Brinco...

Uma particularidade: Ia sempre rezando o terço, pedindo a Nossa Senhora que o ajudasse para conseguir o seu ideal. O tocador, que ia a pé tocando os burros, lhe dizia: «Seu Zé, o senhor não cansa de rezar?» Êle respondia: «Nunca a gente cansa de falar com nossa Mãe.»

Era de uma piedade simples, que sempre conservou até à hora da morte.

Tendo já com que pagar o seminário, para lá entrou em 1938, com a idade de trinta e dois anos. Com muito esforço, fêz o segundo ano ginásial, mas vendo que lhe era impossível continuar pela dificuldade que encontrava nos estudos, aconselhou-se com o seu vigário, Pe. Abelardo de Oliveira, o qual lhe arranjou um lugar no nosso Aspirantado de São João del-Rei, sob a direção do inesquecível Pe. Francisco Gonçalves. Ali chegou a 13 de janeiro de 1943, fazendo aí o aspirantado.

Em 30 de janeiro de 1946 foi admitido no nosso noviciado de Findamonhangaba, sendo então Inspetor o dinâmico Dom Orlando Chaves, hoje, arcebispo de Cuiabá, otimista e quase visionário pelas vocações, tanto era o seu amor à Congregação.

Lá, sob os cuidados salesianíssimos do querido Pe. Luiz Garcia de Oliveira, Mestre de noviços, o José Anastácio, no meio daqueles 77 noviços, pois eram 56 clérigos e 21 coadjutores, era o patriarca, com seus 40 anos. No entanto, se adaptava à vida comum, no meio

de seus colegas que para êle eram meninos, com uma simplicidade encantadora. Muito piedoso, muito chegado aos superiores, dos quais merecia tôda confiança. Foi um bom noviço, merecendo a letra B no primeiro escrutínio e a letra A nos outros três.

Terminado o noviciado, fêz votos trienais em 30 de janeiro de 1947.

Pela sua idade e seu modo sempre correto, observante, obediente, humilde, deram-lhe os superiores, logo após três anos, licença para fazer os votos perpétuos em 1950.

Foi destinado como sacristão de nossa majestosa Matriz Nossa Senhora Auxiliadora, no Bom Retiro, São Paulo. Aí foi vítima de um atropelamento que quase o levou à sepultura; foi transferido para São João del-Rei, como sacristão de nosso Santuário de São João Bosco, do qual era vigário o Pe. Duarte Costa, que muito o estimava; tocava na banda do Colégio, lembrando ainda da bandinha de sua terra natal, São Domingos dos Campos e do Seminário de Mariana. . .

Faleceu-lhe o pai em 1948. Nêsses transe foi mandado em casa, onde como anjo tutelar foi a consolação dos irmãos e o consiliador no inventário, conservando a família unida, por sua bondade e conselho.

Depois de muitos anos em São João, foi transferido para Vitória, no Espírito Santo, onde estêve dois anos.

Há um ano fôra mandado para Araxá, como sacristão da Bela Matriz de São Domingos, obra do saudoso Pe. Emílio Filippini. Aí, como em todos os lugares, era observante, assíduo ao rendiconto, às práticas de piedade, à vida comum. As gorjetas que recebia, dava-as ao Diretor, pedindo que fôssem para as vocações.

Vindo em dezembro para o Santo Retiro, foi visitar os irmãos e parentes. Parece que previa sua despedida para sempre. Passou com êles o Natal, visitou todos os seus sem se esquecer de nenhum, até um seu tio, que morava perto de Ponte Nova. Pode-se imaginar o sacrificio que fêz com aquêle tempo inclemente. Despediu-se de todos dizendo que estava com uma doença grave, talvez câncer e que por isto, talvez não os visse mais. E foi assim.

Voltando para Araxá, começou a sentir-se mal. O médico dêle achou prudente recomendá-lo a um seu colega que trabalha no Hospital Sarah Kubstschek, o qual tudo fêz para ver se debelava o câncer que logo se manifestou e se ia generalizando. Os exames feitos em 10 de fevereiro positivaram o câncer no estômago, que lhe causava muitas dores que sofria com uma resignação de Santo. No princípio de março eu e o incansável enfermeiro José Lanna fomos preparando-o para receber a Unção dos Enfermos e o Viático.

Chamou o Sr. Lanna ao Pe. Henrique Teixeira que lhe administrou os sacramentos dando-lhe a bênção papal e a de Maria Auxiliadora. Ao receber o Santo Viático comoveu-se e as lágrimas caíram abundantes dos olhos, agradecendo a Jesus que o havia feito Salesiano, dando-lhe conforto da Religião e a perseverança final.

O mal foi se agravando e às 4 horas do dia 16 entrou em estado de coma. Rezavam o Sr. Lanna e as irmãs as orações dos agonizantes. Sugeria o Sr. Lanna no seu ouvido a renovação dos votos, o ato de contrição, dando-lhe o crucifixo para beijar.

Às 4,30 telefonou para o Liceu, chamando um sacerdote. Seguimos imediatamente, o Pe. Paulo Gamerschlag, Ecônomo Inspetorial e eu, mas, ao chegarmos, êle acabava de falecer.

Foi trazido o corpo para a capela do Liceu, onde ficou em Câmara ardente, e era visitado pelos alunos e pelo povo. Em homenagem ao extinto, o diretor deu feriado. Foram avisados todos os colégios vizinhos; Seu diretor Pe. Sílvio Bianchi, não pôde chegar em tempo visto ter o automóvel quebrado no caminho e a distância de mais de 540 kms em chão duro.

Às 16 horas foi celebrada a Missa de corpo presente, pelo Pe. Antônio Balarini, saindo depois o féretro para a necrópole do Bonfim, onde está o jazigo perpétuo dos salesianos. Ao descer à sepultura deu-lhe o último adeus em nome dos salesianos o Pe. Alcides, pedindo-lhe que lá do Céu intercedesse junto de Dom Bosco, para que inspirasse muitos jovens a seguirem suas pegadas, como irmãos coadjutores e a perseverança dos que labutam na vida salesiana.

A figura dêste humilde coadjutor é um exemplo para nós e sobretudo para os nossos irmãos salesianos, de amor e constância na vocação. O que êle passou e sofreu para chegar a salesiano, quem pode dizer que também viveu? Muito poucos.

Uma fervorosa prece pela perseverança de nossos irmãos coadjutores e pelo vosso irmão em Dom Bosco, já encanecido em tantas lides da nossa amada Congregação.

Pe. Alcides Lanna
